

Em DIFERENTES UNIVERSOS



ANNA ANDRADE

Autora Best-seller Amazon



Em
DIFERENTES
UNIVERSOS

Para todas as pessoas que acreditam em sonhos impossíveis para fugir da realidade.



SUMÁRIO

Prólogo	7
Capítulo 1.....	10
Capítulo 2.....	21
Capítulo 3.....	31
Capítulo 4.....	44
Capítulo 5.....	55
Capítulo 6.....	67
Capítulo 7.....	80
Capítulo 8.....	91
Capítulo 9.....	98
Capítulo 10.....	106
Capítulo 11.....	115
Capítulo 12.....	123
Capítulo 13.....	134
Capítulo 14.....	146
Capítulo 15.....	155
Capítulo 16.....	164
Capítulo 17.....	174

Capítulo 18.....	184
Capítulo 19.....	193
Capítulo 20.....	201
Capítulo 21.....	214
Capítulo 22.....	230
Capítulo 23.....	241
Capítulo 24.....	252
Capítulo 25.....	262
Capítulo 26.....	271
Capítulo 27.....	278
Capítulo 28.....	285
Capítulo 29.....	296
Capítulo 30.....	308
Capítulo 31.....	318
Capítulo 32.....	328
Capítulo 33.....	336
Capítulo 34.....	344
Capítulo 35.....	351
Capítulo 36.....	359
Capítulo 37.....	369
Capítulo 38.....	377

Capítulo 39.....	387
Capítulo 40.....	400
Capítulo 41.....	411
Epílogo	425
Agradecimentos.....	428
Sobre a autora.....	429

PRÓLOGO

O corpo de Carina Santos estava livre: flutuava pela imensidão singular do espaço. Através da janela da sala de controle, ela via as estrelas das mais diversas cores, além do próprio reflexo. O uniforme prata se ajustava ao corpo alto. As linhas prateadas embaixo do rosto mostravam bem mais do que qualquer guerreira poderia sonhar em ter.

Tinha companhia. A presença do herdeiro prata fez seu coração acelerar por instinto. Poderia ser mais um dia comum como comandante, mas nada afastava seu interesse em Áries. Os olhos castanhos dele a fitavam com desejo do outro lado do cômodo, como se lessem o que contavam seus pensamentos, seus interesses e suas intenções. Estavam sozinhos, o que a deixou em júbilo. Céus! Ela o teria por alguns minutos. Era tudo o que mais desejava.

Ou quase tudo.

Ao avistar o painel de controle dos computadores, Carina pensou que seria tentador ficar ali agarrada com Áries. O prata a pressionaria contra o corpo dele enquanto suas bocas se uniriam, ele pararia apenas após levá-la à loucura.

Por mais que a mente a condenasse, Carina era ousada por cobiçar seu superior de forma tão aberta. O fato era que não se importava, queria seduzi-lo, responder no mesmo ritmo de seus batimentos cardíacos acelerados e tornar real seus anseios.

— Comandante — chamou Áries com uma voz seca.

— Em que posso lhe ajudar, senhor?

Carina pensou em sugerir a boca ao invés de ajuda.

— Quero o relatório da última expedição. — Áries ficou mais perto, sem tirar os olhos dela.

— Conseguimos reforços e suprimentos de minerais. — Ela tocou a roupa dele com o dedo. — Serão enviados dentro de três dias. — O indicador começou a dançar pelo tórax, fazendo-o estremecer. Pelo olhar de caçador de Áries, ele parecia gostar da carícia. Carina deu um leve sorriso de vitória. — E serão entregues na nave principal para serem distribuídos conforme houver necessidade.

Ela estava tão próxima que sentia o hálito quente do prata, tinha um cheiro estranho de um salgado com cerveja. Mas nenhuma circunstância a faria perder o foco.

— Onde estão os dados? Gosto de ficar informado. — O olhar de Áries encarou o dedo de Carina.

— Vou pegá-los — respondeu com tristeza ao parar de tocá-lo.

Dirigiu-se até a mesa e, antes de pegar a papelada, viu que Áries a seguia. Sentiu a mão dele passar por seu corpo sem rumo, o toque anestesiava a pele e a viciava. Um suspiro de tristeza escapou dos lábios de Carina quando a mão do prata saiu das costas dela para tatear os papéis. Áries prendia toda sua atenção e a deixava atordoada.

Em um movimento rápido, foi pressionada de leve contra o móvel. Ela estremeceu, virou o rosto e mordeu o lábio inferior. A cena de filme em sua cabeça tinha mais cores e mais sensações vibrantes, até uma trilha sonora.

— Senhor, eu...

— Áries — corrigiu, sussurrando em seu ouvido. — Me chame de Áries.

Carina se virou para beijá-lo, mas enxergou a imagem perturbadora de seu real chefe com camisa estampada, meias sete oitavos de corações e pantufas de cachorro. Então, nada daquilo fazia sentido.

CAPÍTULO 1

Janeiro – Los Angeles, EUA

O sonho ainda brincava na mente de Carina quando acordou. Lutou contra a vontade de ficar deitada por mais cinco minutos, tinha que perder o hábito de imaginar-se com seus personagens favoritos. A frequência de sonhos como aquele se tornava cada vez maior. Viravam pesadelos no segundo em que Ricardo Rodrigues, chefe do setor em que ela trabalhava, aparecia com uma roupa aleatória. Se aquilo não fosse um sinal para desesperar-se pelo excesso de trabalho, ela não tinha ideia do que seria.

Era uma manhã ensolarada e não tão fria para um dia de inverno na cidade americana. Os raios de sol, que ultrapassaram a cortina semifechada, bateram em seu rosto. Estava tão exausta por causa da noite anterior que não teve forças para fechar as cortinas por completo, desejava apenas jogar-se no primeiro lugar em que pudesse dormir.

Não que o sofá em que dormira fosse ruim. Inclusive, fora uma pechincha no brechó na última *Black Friday*, o estofamento era recém-trocado. Sarah, melhor amiga de Carina, dizia que o móvel vermelho era um clássico. Na hora, Carina achara que cem dólares em um sofá velho não valia a pena. Mesmo assim, Sarah a convencera de que ficaria perfeito na sala. E, de fato, ficou. Fora útil inúmeras vezes para acomodá-las durante as maratonas de séries nos finais de semana. O que, para Carina, significava zerar o catálogo da Netflix e beber muita cerveja.

Para a infelicidade dela, aquele sofá era desconfortável para passar a noite. Suas costas reclamaram ao sentar-se, ainda sonolenta. Praguejou por ter bebido muito, a cabeça doía.

— Ótimo, como vou trabalhar hoje?

Resmungou mais uma vez por acordar de um sonho tão bom, aproveitar-se da presença de Áries, mesmo que fosse uma ilusão, valia a pena. A série “Áries” levava o mesmo nome do personagem principal, o favorito de Carina. Conhecia de cor cada detalhe sobre os reinos e seus soberanos das onze temporadas da série.

A atenção da publicitária se voltou para o telefone caído no carpete. A hora estava errada, marcava uma da manhã. Lembrou-se, com pesar, que precisava entregar três artigos para Ricardo naquele dia. “Sem exceções”, alertara ele no último sábado.

Era engraçado pensar que estudaram juntos na mesma escola por anos, mas Ricardo e ela frequentavam lugares diferentes e não saíam com as mesmas pessoas.

Carina era brasileira. Morou no país até os vinte e três anos, quando seus pais faleceram em um acidente de carro. Ficou órfã no mesmo ano em que conseguiu um emprego na agência americana de publicidade. Passou na entrevista *online* e comprou a passagem de avião sem hesitar. Mesmo se não conseguisse aquele emprego, tentaria outros fora do país.

Nada mais a prendia às terras brasileiras. A casa onde morou com os pais desde criança, antes repleta de memórias felizes, agora não passava de um local cheio de fantasmas que a atormentavam. Talvez até mais do que Ricardo.

Sorriu com o próprio pensamento. A comparação era absurda. Fantasmas não ligavam no Natal para cobrar o serviço, muito menos a faziam trabalhar até tarde no próprio aniversário.

O melhor remédio para lidar com a perda da família foi começar a vida zero em outro país. Por destino, como Sarah gostava de dizer à Carina, conseguiu a vaga na agência conhecida, que, soube depois, era onde Ricardo também trabalhava. Até aquele dia, acreditou que o entrevistador da segunda fase da seleção de emprego a aceitara por causa de suas pernas, uma vez que não tirara o olho delas durante toda a entrevista presencial.

Conseguiu o visto de trabalho apenas na segunda vez que viajou com a documentação pronta da agência. Com o dinheiro da herança, comprou uma modesta casa em um bairro singelo de Los Angeles. Carina não queria dor de cabeça, por isso seguiu os protocolos de imigração exigidos.

Estar documentada no país foi um problema que logo se resolveu. O choque maior veio ao descobrir que o entrevistador era marido de Ricardo e trabalhava nos recursos humanos da agência. Carina mal o via, e não lhe cabia se meter em problemas matrimoniais alheios. Ainda mais pelo fato de que ela e Ricardo não tinham uma boa relação.

O celular tocou e, no visor, mostrava “Sarah”. Agradeceu às estrelas por não ser seu chefe.

— Bom dia, flor! — disse a voz animada na linha. — Acordou bem?

— Oi para você também, Sarah.

Carina se olhou no espelho e tentou organizar o cabelo loiro revoltado enquanto colocava o telefone no viva-voz. A maquiagem da noite anterior estava borrada, qualquer um tomaria um susto se a visse naquele estado. Por sorte, estava sozinha em casa, como em boa parte do tempo.

A sala estava uma bagunça, suas roupas espalhadas por todos os móveis. Havia uma meia até no abajur. Olhou para si mesma, usava apenas camisa e calcinha.

— Você ainda está de ressaca? Sua voz está péssima. Nem fuma, mas parece que terminou duas carteiras de cigarro no mesmo dia. — Sarah parecia um pouco preocupada.

— Que exagero! Muito obrigada pelo elogio — comentou com ironia. — Depois que você saiu pela manhã, fiquei até de noite bebendo. Sabe como os Gourbetts adoram festas. Me convidaram para uma cerveja, depois outra...

A vizinhança conservadora em que Carina morava tinha seus pecadores. Os Gourbetts e ela eram alguns deles. Não tinham nada em comum, exceto o interesse em álcool e música *indie*.

— Vai com calma. Não se divirta tanto sem mim ou me convide sempre para ir. Prometo me comportar bem para você não ter problemas na reunião do bairro.

— Apenas se você prometer ficar até o final. — Carina colocou o telefone debaixo do braço e caminhou para o quarto. Não queria se atrasar para o trabalho. — Sabe que horas são? Meu relógio deu erro, preciso de um novo telefone.

— Sete e meia.

— Sete e meia?! — Carina quase gritou. — Vou correr aqui. Não posso chegar tarde hoje por nada desse mundo.

Seguiu até a primeira porta do corredor. Havia poucos móveis no quarto claro, mas o armário ocupava quase a parede toda. A mulher abriu as portas e tirou as primeiras peças que encontrou. Deixou o telefone na cama e escutou a risada de Sarah enquanto se apressava no banho.

— Sabia que você ia se atrasar. Vou passar na sua casa daqui a pouco para te dar uma carona — disse Sarah assim que Carina pegou o telefone de novo e enrolou a toalha no corpo.

Sarah encerrou a ligação logo em seguida, e Carina se vestiu o mais rápido que pôde. Prometeu que arrumaria a bagunça criada no quarto quando chegasse, mas era uma promessa vazia. A casa, em geral, ficava desarrumada até a publicitária convidar alguém, o que acontecia pouco, já que não tinha o hábito de fazer encontros. Sarah dizia não se incomodar com a desordem da amiga; porém, deixava os objetos no chão para forçar Carina a guardá-los.

Em minutos, desceu a escada segurando a bolsa e o telefone com uma mão e os saltos com a outra. Ouviu a buzina do carro de Sarah, avisando-a que chegara. Do lado de fora, o carro branco 2008 fazia sons estranhos. Pisou descalça no gramado um pouco alto, já imaginando que a associação de moradores reclamaria em breve.

O som explodia dentro do carro. Sarah gostava de música brasileira mais do que a própria Carina. De manhã, escutavam sempre *Anavitória* ou *Melim*. Os vizinhos reclamavam do barulho, mas, como eles não pagavam as contas de Carina, ela os ignorava. Ainda assim, recebia muitas vezes ou outra da associação, que insistia em controlar o que ela fazia. Alguns vizinhos, pouquíssimos, relevavam os casos por gostarem da música, mesmo que não fosse em um horário permitido, o que facilitava a convivência no bairro.

— Esse terninho básico creme é horrível. — Sarah fez uma careta de reprovação enquanto ajustava os óculos arredondados. — Não é mesmo sua cor.

— Na próxima vez, você me acorda mais cedo. Assim, vou ter mais tempo para pensar em algo melhor para vestir — brincou Carina, colocando o cinto.

— Que amorzinho. — Sarah riu com sarcasmo e deu partida no carro. — Pode deixar que vou queimar essa roupa. Seus dias de desculpas ruins vão acabar logo.

— Não tenho muitas roupas para você se livrar delas. Deixe meu guarda-roupa em paz — declarou Carina, revirando os olhos.

— Descobri que abriu um brechó maravilhoso no meu bairro. É disso que estamos precisando. Um dia de compras. Vamos depois do trabalho. Problema resolvido.

— Preciso fazer algumas coisas antes. Você sabe como Ricardo manda trabalhos impossíveis de terminar no expediente normal. — Carina começou a colocar um dos saltos, atrapalhando-se com o cinto de segurança, bufou e olhou irritada para a amiga, então esticou o corpo mais uma vez e colocou o sapato.

— Você precisa relaxar, tirar uma hora do dia para fazer algo de que goste. — Sarah acelerou o carro e passou por um sinal vermelho sem perceber. — Ops...

— Apesar de não querer ver a cara irritada de Ricardo de manhã cedo, ainda gostaria de chegar inteira.

— Tudo bem. — Sarah colocou uma mecha do cabelo atrás da orelha, dando pouca importância ao drama da amiga. — Deixamos as compras para amanhã, mas nada de desculpas, viu?

Carina deu um meio sorriso.

— Combinado.

As duas se conheceram na agência, e Carina não poderia ter desejado uma amiga melhor. Tanto Sarah quanto ela gostavam de responder às pessoas com o que tinham na cabeça, muitas vezes sem filtrar as palavras — e na maioria delas entrando em problemas, mas nada que não rendesse boas gargalhadas depois.

Momentos como aquele, em que Sarah a pressionava, deixavam Carina desconfortável. Preferia estar no sótão de sua casa, desenhando e escutando música alta. Talvez melodias das bandas *Fall Out Boys* ou *Walk the Moon*. Sentia a necessidade de conectar-se com o distante. Outros mundos, como o que via na série *Áries*. Imaginar uma vida no espaço era seu passatempo enquanto ilustrava cada pensamento em uma tela. Acreditava que aquele universo era bem mais divertido que o seu.

O trânsito estava ruim, comum em uma das maiores cidades do país. Mas Sarah desafiava as leis da física para fazê-las chegarem na hora certa. O carro parou no estacionamento do prédio, e Carina percebeu que se segurava onde podia. Não trocou mais nenhuma palavra com Sarah, as duas saíram quase correndo para o saguão de entrada a tempo de pegarem o elevador lotado.

As pessoas de terno e gravata dos escritórios de advocacia de outros andares caminhavam sonolentas. O prédio moderno tinha uma grande variedade de escritórios. Pelo padrão de vestimenta, diriam que Sarah e Carina eram publicitárias, as pontas roxas nos cabelos longos de Sarah as delatavam no mesmo instante.

O estilo de roupa também atraía olhares quando saíam. Sarah gostava de combinar bem os tons dos acessórios, tinha uma coleção de pares de óculos que disfarçavam as lentes de grau grossas e deixavam seus olhos castanhos e estreitos maiores. A armação elegante suspensa pelo nariz afilado sempre descia para a ponta. Era um de seus métodos de sedução.

Carina acreditava que Ricardo trabalhava com oráculos. Tomou um susto ao deparar-se com o rosto do homem assim que a porta do elevador se abriu. Sarah segurou o grito e levou a mão ao peito, fazendo o sinal da cruz.

— Achei que não chegariam nunca! — Ricardo indicou a sala de reunião para que elas o seguissem, sem nem mesmo olhar para trás.

— Eu posso... — Carina começou a explicar-se, mas foi interrompida por Ricardo, que segurava a maçaneta da porta.

— Pode dar quantas desculpas quiser depois, senhorita Esquisita, *agora* temos uma reunião importante com um cliente rico. O pobre estagiário está tremendo por ter que fazer sua primeira participação relevante na empresa. Tive que segurar todos até a chegada de vocês.

O silêncio inundou a sala com a entrada dos três. A mesa oval estava lotada e havia duas cadeiras livres mais atrás. Carina detestou ficar tão perto de Ricardo, mas não reclamou. Os colegas de trabalho chegaram antes mesmo do horário exigido, graças às imposições estapafúrdias do chefe. Ricardo os assediava e usava a hierarquia da empresa como desculpa para seus atos nada profissionais.

A maioria se sujeitava àquela situação porque não tinha para onde ir. Esse era o caso de Carina. O salário minúsculo lhe permitia pagar apenas as contas, a renda extra que fazia vinha das ilustrações que vendia pela internet. Além de tudo, ainda era obrigada a ouvir Ricardo chamando-a de “senhorita Esquisita”.

Não era à toa que preferia estar em outra galáxia.



Carina chegou em casa tarde da noite. Sarah tinha um jantar com o namorado virtual, Otto, por isso a publicitária voltou de ônibus. Mais cedo, a amiga revelara que o jantar online aconteceria com os dois comendo e conversando na frente da câmera.

Sarah e Otto namoravam havia dois anos, e nunca tinham se visto em pessoa. Carina até pensou em escrever para o programa americano *Catfish*¹, afinal Otto poderia não ser o arquiteto de São Francisco que gostava de praia e esportes radicais, mas desistiu da ideia.

Para evitar brigas desnecessárias, observava Sarah de longe para certificar-se de que o relacionamento entre o casal se mantivesse saudável. Dentro dos limites, sem ultrapassar os riscos de uma exposição maior.

Pelo menos Sarah tinha um namorado.

Os ex-namorados de Carina eram terríveis, talvez pelo fato de tê-los conhecido nos lugares mais inusitados como na fila do cinema ou no caixa de supermercado. Na aparência ou na fala, eles se mostravam infantis ou imaturos depois de um tempo, mas isso não a incomodava de imediato. Mesmo sabendo da desaprovação de Sarah, o problema aparecia quando os “namorados” demonstravam certo aspectos abusivos na forma de se relacionarem com ela.

Namorados ciumentos ao extremo.

Namorados obsessivos.

Namorados possessivos.

Namorados controladores.

Era a gota d'água para uma pessoa como Carina, que sempre foi livre para dar opiniões e fazer o que bem quisesse. Tinha liberdade para tudo, em especial para tentar esquecer a ausência dos pais com uma boa dose de namorados. A maioria não

¹ Catfish: The TV Show é um programa de televisão estadunidense de formato reality show, exibido pela MTV. Explica as verdades e mentiras de relacionamentos online. (Fonte: Wikipédia)

durava mais do que seis meses. O último durou uma semana. Carina não tinha paciência para homens retrógrados.

Ao passar pela sala, recolheu as roupas jogadas pelos móveis, começando pela meia do abajur, e as levou para seu quarto no andar de cima. O cômodo ao lado era onde deixava os itens pessoais de seus pais, para os quais preferia não olhar. Resolvera levá-los na mudança, porque era mais difícil desfazer-se deles do que mantê-los junto a si.

Parou na porta do quarto e o observou por alguns segundos: a grande estante exibia seus itens de colecionador. Na sua cabeça, os meses de economia valeram a pena para adquirir aqueles itens exclusivos de suas sagas preferidas. Ao lado da cama de casal, um pôster de papelão de *Áries*, em tamanho real, decorava o quarto. Quase chamou a polícia quando um de seus ex-namorados ameaçou rasgá-lo.

O resto do ambiente tinha móveis brancos com tons de bronze e um estilo mais industrial. Obra de Sarah, claro. A cabeceira da cama era de ferro preto iluminado por fios de luzes. Na mesa de canto, à esquerda da cabeceira, dois porta-retratos exibiam uma foto de seus pais em um cruzeiro e outra de Carina com a mãe, no primeiro festival de quadrinhos.

Recordava-se de cada minuto daquele dia. Sua mãe passou horas costurando para que o *cosplay* fosse o mais parecido possível com a Megan da série *Áries*. Foi a primeira vez que Carina usou maquiagem. Tiveram que comprar a peruca pela internet, já que parecia impossível fazer um penteado como o da personagem. Seu pai pediu folga do trabalho para que os três fossem ao evento.

A mãe trabalhava em casa, mas o pai quase não estava presente, a atitude dele de acompanhá-las no festival a deixou muito feliz. Na verdade, seus pais também eram

fãs da série. Por muitas vezes, discutiam sobre alguns planetas daquele universo na hora do jantar. Carina gostava de pensar que estava no sangue o amor pelo espaço. Assim que chegaram na porta do local onde seria o evento, tiraram uma foto para se recordarem daquele momento.

Fora um dia tão especial, Carina queria manter próximo à memória recordações do período em que seus pais a acompanhavam em suas aventuras no mundo criado por Mark Simon.

Tudo aquilo era uma mistura do que ela mais amava.